

Nomes Mensageiros

Certos nomes escolhidos para os filhos carregam mensagens que expressam o desejo dos pais, o que inclui expectativas, valores, ideais. Mas, na verdade, o desejo dos pais, consciente ou inconsciente, que é uma força poderosa, será comunicado de muitas outras maneiras, não só pelos nomes que escolhem para os filhos.

A identificação com o desejo dos que cuidam de uma criança faz parte do processo de subjetivação. Todos nós nos identificamos com quem amamos. E nosso modo de ser, também será influenciado pela maneira como eles nos identificam. Acho importante diferenciar influências de determinismo.

No livro “Os Nomes”, vimos três possibilidades, três trajetórias, conforme o nome escolhido pela mãe. Em meu entendimento, não foi o nome, mas o que o nome significou para a mãe, e, para o pai, que gerou toda a trama construída nas estórias.

Na primeira versão, acho que a mãe dizia - não seja violento como seu pai, seja fofinho, doce, amoroso, gentil, delicado. Na segunda história, a mãe tentou encontrar uma maneira de incluir um nome que fizesse referência ao pai, mas não queria que o filho fosse como ele – seria então pai Celestial..., mas, o nome não a livrou da violência do marido. Pois o pai real na verdade não tinha nada de celestial.

Na terceira estória, a mãe cedeu, submeteu-se totalmente e perdeu o gosto pela vida e a capacidade de amar o seu bebê, e de certa forma, deixou o filho a mercê da loucura do pai.

A escolha do nome nas estórias foi o acontecimento que se desdobrou de maneiras diferentes, provocando reações distintas também nos pais. Assim, penso que o que mais influenciou na personalidade do filho, em cada uma das estórias, não foi o nome recebido, mas sim, as vivências traumáticas, em função das diferentes dinâmicas familiares.

Acompanhamos na terceira versão, que apesar da força identificatória dos primeiros tempos de vida, somada as dificuldades no vínculo com a mãe, Gordon filho, pode ressignificar suas experiências, e transformar-se.

Acho que é um livro que nos traz esperança, questiona uma visão determinista dos traumas, e ressalta que realmente é vivendo o presente, com novas interações, que podemos diferenciar os tempos e não ficarmos aprisionados no passado. Precisamos nos desidentificar para nos reconstruirmos. E isso exige trabalho psíquico, continência para angústia e energia de vida. Mas também, esbarra na realidade. Teria sido possível para Cora encontrar forças para separar-se do marido abusador, antes das tragédias acontecerem? As estatísticas em nosso país, revelam uma realidade esmagadora para muitas mulheres.

"No Brasil, uma mulher é vítima de feminicídio, em média, a cada cinco ou seis horas." [Senado Federal](#)

Assim, acho que esse livro também tem o mérito de trazer essa realidade para o foco do nosso debate. Não é só ficção. Acontece de verdade!